



TÁSSIA PLACEDINO SILVA OLIVEIRA

**A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO
FÍSICA EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO ESPECIALIZADO
PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA**

LAVRAS – MG

2019

TÁSSIA PLACEDINO SILVA OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM INSTITUIÇÃO
DE ENSINO ESPECIALIZADO PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do
Curso de Graduação em Educação
Física, para obtenção do título de
Licenciado.

Profa. Dra. Nathália Maria Resende
Orientadora

LAVRAS – MG
2019

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Oliveira, Tássia Placedino Silva.

A importância do professor de Educação Física em Instituição
de Ensino Especializado para estudantes com deficiência / Tássia
Placedino Silva Oliveira. - 2019.

25 p. : il.

Orientador(a): Nathália Maria Resende.

TCC (graduação) - Universidade Federal de Lavras, 2019.
Bibliografia.

1. Educação Física. 2. Estudante com deficiência. 3. Escola
especializada. I. Resende, Nathália Maria. II. Título.

TÁSSIA PLACEDINO SILVA OLIVEIRA

A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM INSTITUIÇÃO
DE ENSINO ESPECIALIZADO PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
Lavras, como parte das exigências do
Curso de Graduação em Educação
Física, para obtenção do título de
Licenciado.

APROVADO em 26 de novembro de 2019.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Maria Rachel Vitorino – DEF/UFLA – Membro

Profa. Dra. Nathália Maria Resende – DEF/UFLA – Orientadora

LAVRAS – MG

2019

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à Deus por ter me iluminado e me guiado até aqui.

À minha orientadora Profa. Dra. Nathália Maria Resende, por todo conhecimento, paciência, cumplicidade e confiança dedicados a mim.

À minha família, por sempre estar ao meu lado me apoiando em todas decisões, em especial: a minha mãe Iris, minha irmã Tamyris, minha tia Ivete, ao meu Pai Sebastião e aos meus avós Lourdes, Lázaro e Maria. Sem vocês, esse sonho não seria possível.

À banca - composta pela Profa. Dra. Maria Rachel Vitorino, por ter aceitado meu convite e estar presente neste momento, agregando com seus conhecimentos.

A todos os professores do Departamento de Educação Física (DEF), da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Sem o conhecimento passado de cada um, não seria a profissional que estou me tornando hoje.

Ao Núcleo de Pesquisa, Estudos e Extensão (NEPE) em Paradesporto, por todo aprendizado e dedicação de cada integrante, para fazer com que acontecesse esse projeto - que só tem a crescer e se destacar na Universidade e no mundo.

Aos estudantes e professores da APAE, por me proporcionarem por dois anos de muito conhecimento e uma experiência que vou levar para vida.

As pessoas que moram comigo atualmente e estão ao meu lado: Taine, Júlia e Túlio. As meninas que moraram comigo - em especial à Paloma, que não só esteve ao meu lado, como me ajudou a crescer como pessoa. Também à Bianca, por ser minha companheira e sempre estar por perto me apoiando e sendo meu "braço direito" em todas as decisões e conquistas em minha vida.

Aos amigos do curso de Educação Física, em especial a Júlia, Larissa, Nadine, Paloma, Stanley, Vitória, Jacqueline e Luiza por estarem presentes; fazendo com que essa trajetória pudesse ser menos árdua. Também aos amigos de longa data, Letícia, Luana, Lucas, Stefany, Maria Carolina, Gabriela e minha prima, amiga e irmã Victória.

Enfim, a todos que um dia puderam fazer parte e me ajudaram em qualquer momento do curso. Seguir esse caminho sozinha seria possível, mas com cada um ao meu lado foi bem gratificante e mais proveitoso - em todos os sentidos.

Muito obrigada!

RESUMO

A Educação Física, com a finalidade de aperfeiçoar os aspectos físico-motor, cognitivo, afetivo-emocional, social e cultural, vem com o escopo de aguçar a criatividade e a expressividade dos estudantes. Estudar a inclusão desses aspectos dentro da aula de Educação Física na instituição de ensino especializado, Associação e Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) parece fundamental para conhecer o desenvolvimento dos estudantes. Esta instituição busca promover uma aprendizagem adequada para os estudantes com deficiência intelectual e/ou múltiplas com comprometimento que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa, contemplando suas particularidades e assegurando que os estímulos ofertados sejam apropriados para o desenvolvimento de todos aqueles inseridos na instituição. Esta pesquisa tem como objetivo conhecer quais as mudanças ocorridas na escola especializada para estudantes com deficiência após a inserção da Educação Física Escolar. A pesquisa trouxe como resultado um enorme conteúdo que justifica a permanência da Educação Física, por ser tão importante em meio as escolas especializadas, trazendo o fato social e a cooperação como principal motivo. Conclui-se que a Educação Física com todo seu aporte teórico/prático e suas dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, desenvolvida pela cultura corporal de movimento, que engloba toda parte social usando também a aplicação de conteúdo de forma lúdica, estruturada e bem conduzida; contribui efetivamente para a autonomia, a imaginação e a cooperação entre os estudantes da APAE, expandindo os conhecimentos e possibilitando uma sensação de bem-estar e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida para aqueles que são constantemente vítimas de hostilidade por parte da sociedade.

Palavras-chave: Educação Física. Estudante com deficiência. Escola especializada.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Problemática do Estudo	2
1.2. Hipótese	2
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	3
2.1. Instituição de Ensino Especializado	3
2.1.1. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.....	7
2.2. Educação Física Escolar.....	7
2.2.1. Educação Física Escolar na Escola Especializada.....	9
3. OBJETIVOS.....	10
3.1. Geral.....	10
3.2. Específicos	10
4. JUSTIFICATIVA.....	10
5. METODOLOGIA.....	11
5.1. Tipo de Pesquisa.....	11
5.2. População de Estudo	12
5.3. Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados	13
5.4. Análise dos Dados Coletados.....	14
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	14
7. CONCLUSÃO	21
REFERÊNCIAS	22

1. INTRODUÇÃO

Nasci na cidade de Lavras/MG, mas morei desde pequena em Perdões/MG. Durante minha infância e adolescência sempre gostei de praticar esportes e me destacava em todas as competições que participava. Ao longo dos 13 anos minha irmã entrou na universidade e me levou para conhecer a UNILAVRAS e a UFLA, após o conhecimento visual de ambas as universidades ela me explicou o intuito de uma universidade e como ela funcionava, foi onde me inspirei e soube o que queria para meu futuro. Logo quando entrei no ensino médio já fiz minha inscrição no Processo de Avaliação Seriada (PAS) da UFLA, sendo minha primeira opção a Educação Física. Prestei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como última etapa e houve uma dúvida se era isso mesmo que queria, mas resolvi seguir esse caminho onde era a área em que eu mais me identificava.

Ingressando na UFLA obtive uma introdução do que é a Educação Física Escolar, e me motivei, pois estava no caminho certo. No começo da minha formação busquei sempre me inserir em projetos no qual poderia agregar ainda mais para minha trajetória como estudante. Ao longo do 4º período, fui apresentada a professora Dra. Nathália Maria Resende, que ministrava a disciplina Metodologia de Pesquisa em Educação Física e Esporte. Em sua primeira aula a professora apresentou seu novo projeto que hoje é nomeado como Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão (NEPE) em Paradesporto, no qual faço parte.

O projeto de extensão do NEPE em Paradesporto tem como objetivo a inserção de pessoas com deficiência no mundo esportivo, a partir da adaptação das práticas esportivas, adentrando também na Educação Física Escolar onde se engloba a cultura corporal de movimento.

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), do município de Lavras-MG é um escola especializada que busca promover uma aprendizagem adequada para os estudantes com deficiência intelectual e/ou múltiplas com comprometimento que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa, contemplando suas particularidades e assegurando que os estímulos ofertados sejam apropriados para o desenvolvimento de todos aqueles

inseridos na instituição. Com a finalidade de aperfeiçoar os aspectos físico-motor, cognitivo, afetivo-emocional e social, criou-se uma parceria com o projeto de extensão do NEPE em Paradesporto para atuação dos monitores nas aulas de Educação Física da APAE, no qual completei dois anos que me inseri e sigo ministrando o projeto nas aulas de Educação Física como bolsista.

Com todo esse tempo inserida na APAE pensei em concluir aplicando uma pesquisa para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que se diz respeito a importância do professor de Educação Física em instituições de ensino especializado para pessoas com deficiência.

1.1. Problemática do Estudo

A Educação Física Escolar promotora da cultura corporal de movimento, vem por meio de suas práticas corporais, desenvolver valores essenciais para a formação de crianças e jovens, estudantes de uma instituição especializada no ensino de pessoas com deficiência?

1.2. Hipótese

Hipotetiza-se que a aplicação de conteúdo da Educação Física Escolar, de forma lúdica, estruturada e bem conduzida nas aulas, contribui efetivamente para a autonomia, a imaginação e a cooperação entre os estudantes com deficiência intelectual e/ou múltiplas, expandindo os conhecimentos e possibilitando uma sensação de bem-estar e conseqüentemente uma melhor qualidade de vida para aqueles que são constantemente vítimas de hostilidade por parte da sociedade.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Instituição de Ensino Especializado

Ao observar-se o momento histórico de determinado tema, pode-se assinalar períodos mais relevantes que outros, que assim, passam a agir como marco evolutivo de tal temática. E com a Educação Especial não aconteceu de maneira diversa, existiram momentos marcantes que contribuíram para evolução do conteúdo em nosso país.

A fase negligente e/ou omissa das pessoas com deficiência, ocorreu no Brasil até o início da década de 1950, diferentemente do que ocorreu em países europeus e norte-americanos onde a fase mencionada perdurou-se somente até o século XVII. Conforme defendido por Mendes (1995), a referência a doença mental permaneceu, por tempos no Brasil, restrita aos meios acadêmicos, com raríssimas ofertas de atendimentos aos deficientes intelectuais. Depois, avança-se a fase institucionalização, na qual a segregação era considerada a melhor maneira de combater a ameaça, que era a população deficiente, inexistindo interesse pela educação dessas pessoas (MENDES, 1995).

A história da Educação Especial no Brasil tem como marco inicial e fundamental a criação do “Instituto dos Meninos Cegos” (hoje, Instituto Benjamin Constant - IBC) em 1854 e do “Instituto dos Surdos e Mudos” (hoje, Instituto Nacional de Educação dos Surdos – INES) em 1857, ambos na cidade do Rio de Janeiro (JANUZZI, 1992; BUENO, 1993; MAZZOTTA, 1996).

Apointa Jannuzzi (1992) que apesar de evolutivo tal período com a criação dos institutos mencionados anteriormente, a Educação Especial no Brasil era realizada a partir de duas vertentes, quais sejam, a vertente Médico-Pedagógica, cuja característica era a preocupação com a eugenia e higienização da comunidade do Brasil; e a vertente Psicopedagógica, que tinha como característica a busca pela conceituação da anormalidade e defendia a educação dos indivíduos considerados anormais. Porém, ambas ainda estimulavam a segregação de tais pessoas.

Em seguida, no ano de 1932, um grupo de educadores elaboraram um documento intitulado de “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, documento esse que tinha como pressuposto a pedagogia como preocupação política e social, valorizando a liberdade, a criatividade e a psicologia infantil.

O movimento permitiu a penetração da Psicologia na Educação e o uso de técnicas inteligentes para diagnosticar as pessoas com deficiência, proporcionando a possibilidade de frequentar a escola. Decroly e Montesseory foram os maiores representantes desse movimento no Brasil (JANUZZI, 1992; MENDES, 1995; DECHICHI, 2001).

Segundo Jannuzzi (1992), a despeito de ter sofrido o sistema educacional com a reforma trazida pela Escola-Nova, o crescimento da Educação Especial no Brasil avançava ainda de maneira tímida. Em 1945, foi criada a Sociedade Pestalozzi do Brasil. Em 1954, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais e também foi criada a Federação Nacional das APAES (FENAPAES) que, somente em 1963 realizou seu primeiro congresso para discutir as intervenções, quase dez anos após sua criação (MENDES,1995).

No decurso da década de 1960 pode-se observar o crescimento de escolas de ensino especial, contando com mais de 800 (oitocentos) estabelecimentos para as pessoas com deficiência. Momento esse que ocorre a institucionalização da Educação Especial, com a criação do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), que tinha como finalidade promover em todo território Nacional, a expansão e melhoria do atendimento aos excepcionais; posteriormente existiram desmonte de secretarias relacionadas ao tema, bem como, estruturação de outras, demonstrando assim, segundo Jannyzzi (1992), o verdadeiro despreparo e desinteresse dos governantes sobre o tema.

Em 11 de agosto de 1971, promulgou-se a Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2 graus, Lei nº 5.692/71 (hoje, não mais se vigora), que tratou do Ensino Especial somente em um artigo, de seu corpo, de forma insuficiente, mostrando que ainda não era o Ensino Especial a preocupação dos governantes.

Adiante a Constituição Federal de 1988, mais especificamente em seu artigo 208, inciso III, garantiu o atendimento as pessoas de deficiência:

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

III - atendimento educacional especializado aos portadores [sic, lê-se pessoa] de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Como forma de aprimorar a obrigação do País em promover a Educação Especial, fora publicada em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº9.394/96. Afirma Bueno (1994) que a norma referida anteriormente apresentou em seu corpo avanços significativos para a pessoa com deficiência, com o exemplo da extensão da oferta da Educação Especial aos estudantes de até 6 (seis) anos. Ainda, trata o capítulo V da referida lei de maneira específica da Educação Especial, com destaque para o artigo 58:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 1º Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender às peculiaridades da clientela de educação especial.

§ 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

§ 3º A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do caput deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta Lei.

Ainda Bueno (1994) mostra que é importante afirmar que, apesar da garantia expressa na Constituição, bem como, em legislação específica, ambas ainda em vigor e surtindo seus devidos efeitos, os serviços especializados e o atendimento das necessidades dos estudantes com deficiência continuam ainda distantes de serem alcançados.

Por fim, levando-se em conta os marcos históricos da Educação Especial no Brasil, temos o conceito de Inclusão Escolar.

Em meados de 1990, no Brasil discute-se um novo modelo de atendimento e inclusão escolar. O conceito de inclusão passa a ser intentado de maneira diversa do conceito de integração, usado anteriormente. Enquanto no conceito de integração passava-se a ideia de que a pessoa para ser integrada deveria buscar condições para isso, no novo conceito de inclusão, prioriza-se a aceitação da pessoa como de fato ela é (CARVALHO 1988).

De acordo com Correia (1997), o conceito de inclusão exige que a escola volte seu olhar para criança como um todo, respeitando os três níveis de desenvolvimento, o acadêmico, o socioemocional e o pessoal, oportunizando assim uma educação de qualidade.

Não podemos deixar de considerar que implementação da educação inclusiva demanda, por um lado, ousadia e coragem, mas por outro, prudência e sensatez quer seja na ação educativa concreta (de acesso e permanência qualificada, de organização escolar e do trabalho pedagógico e da ação docente) ou nos estudos e investigações que procurem descrever, explicar, equacionar, criticar e propor alternativas para a educação especial. (BUENO, 1999, p.9)

Correia (1997) afirma que em todos os documentos referentes à educação das pessoas com deficiência é o modelo da inclusão eixo norteador. A inclusão social é hoje um processo que contribui para produção de um novo tipo de sociedade, por meio de transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, atingindo desse modo, de forma benéfica a própria pessoa que apresenta necessidades especiais.

Analisando a evolução história da Educação Especial no Brasil, afirma Sasaki (1997) que se pode perceber avanços e conquistas em relação a educação de pessoas que apresentam deficiência intelectual, pois, não é insuficiente passar de uma quase completa ausência de atendimento à proposição e efetivação de políticas de integração social.

2.1.1. Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) surgiu de um movimento no Brasil para prestar assistência médico-terapêutica as pessoas com deficiência intelectual. O movimento surge no Rio de Janeiro no dia 11 de dezembro de 1954 por um casal de diplomatas representantes dos Estados Unidos chegaram ao Brasil nesse mesmo ano, e não encontram instituições que acolheriam o seu filho com síndrome de Down. Vêras (2000) diz que a situação motivou o casal a exigir por um órgão que atendesse as exigências que as pessoas com deficiência intelectual necessitavam. Com o apoio de todos os pais, amigos médicos e os diplomatas, criou-se a primeira Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais chamada de APAE, em março de 1955.

“Os contextos sociopolítico, econômico e cultural no qual a APAE foi fundada categorizavam as pessoas com deficiência múltipla e intelectual como diferentes dos demais, provocando dificuldades na aprendizagem” (CARVALHO; CARVALHO; COSTA, 2011).

O movimento apaeano é organizado por quatro níveis hierárquicos administrativo, são eles: Federação Nacional das APAEs; Federação das APAEs nos estados; Conselhos regionais das APAEs; APAEs nos municípios (HUMANOS, 2015). Com esses aspectos de organização junto com a sociedade civil e organismos políticos, esse movimento é reconhecido como um dos principais movimentos nacionais na busca da visibilidade e defesa aos direitos das pessoas com deficiência (HUMANOS, 2015).

2.2. Educação Física Escolar

A expressão Educação Física surge no século XVIII por meio de filósofos preocupados com a educação. Com os conhecimentos deferidos as crianças e os jovens passam a obter uma formação integral da educação, contemplando, corpo mente e alma, como principal desenvolvimento da personalidade. A Educação Física vem como somativa à educação intelectual, moral e social. (BETTI; ZULIANI, 2002)

Na década de 1920 a Educação Física era dada como atividade complementar e relativa nos currículos escolares, com o objetivo de treinamento pré-militar, eugenia, nacionalismo, preparação de atletas e outros (BETTI; ZULIANI, 2002)

Betti e Zuliani (2002) relatam que essa concepção de Educação Física apresenta sinal de esgotamento, surgindo a cultura corporal denominada de maneira mais ampla “cultura corporal de movimento” e a cultura esportiva.

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75).

Não basta apenas aprender habilidades motoras, é necessário levantar aspectos históricos, lúdicos e aplicar de forma gradativa as regras, levando em conta o social, colocando em vista para crianças e adolescentes que seus colegas não são oponentes ou inimigos, aprendendo a respeitá-los como adversários, “é tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um praticante lúcido e ativo, que incorpore o esporte e os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para deles tirar o melhor proveito possível” (BETTI; ZULIANI, 2002, p. 75).

A Educação Física deve, progressiva e cuidadosamente, conduzir o aluno a uma reflexão crítica que o leve à autonomia no usufruto da cultura corporal de movimento (BETTI, 1994a, 1994b). No entanto Betti e Zuliani (2002) diz ser um processo que possui objetivos para ser seguidos, que respeitam as características e níveis de seguimento de cada estudante.

A Educação Física na escola possui princípios, os quais são: princípios da inclusão, da diversidade, da complexidade e da adequação ao estudante. Esses princípios dizem a respeito de que todo conteúdo e estratégias propostos devem sempre propiciar a inclusão de todos os estudantes, no qual é necessário haver diversidade nas práticas inseridas, incluindo jogos, esportes, atividades rítmicas/expressivas, lutas/artes marciais, ginásticas e também a prática de aptidão

física. Assim deve adquirir complexidade com decorrer das séries, levando em conta todas as características dos estudantes, sendo elas motoras, efetivas, social ou cognitiva (BETTI; ZULIANI, 2002).

2.2.1. Educação Física Escolar na Escola Especializada

A inclusão é a prática social que se aplica em tudo, tanto no trabalho, na arquitetura, no lazer, na educação, na cultura e principalmente em si mesmo, no perceber situações onde não ocorre igualdade de si e do outro, englobando assim a parte social (CAMARGO, 2017).

A Educação Especial se organizou tradicionalmente como atendimento educacional especializado substitutivo ao ensino comum, evidenciando diferentes compreensões, terminologias e modalidades que levaram à criação de instituições especializadas, escolas especiais e classes especiais (BRASIL, 2008).

A chance dada às pessoas ditas normais deve ser abrangente às pessoas com deficiências físicas, bem como às que apresentam problemas relacionados à aprendizagem escolar (SILVA, 2010).

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à idéia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (...) A partir dos referenciais para a construção de sistemas educacionais inclusivos, a organização de escolas e classes especiais passa a ser repensada, implicando uma mudança estrutural e cultural da escola para que todos os estudantes tenham suas especificidades atendidas (BRASIL, 2008, p. 1).

A Educação Física é vista como um componente curricular privilegiado na inclusão de estudantes com necessidades educativas especiais (MARTINS, 2014).

Tendo finalidade assegurar, com absoluta convicção, principalmente as pessoas com necessidades especiais, que todo ser humano deve ter o direito às mesmas oportunidades para adquirir conhecimentos, desenvolvendo suas capacidades e

exercendo sua cidadania, alcançando, desse modo, formas de integrar-se completamente ao meio social (SILVA, 2010, p. 12).

Desta forma, a prática desportiva escolar tem sido considerada como um importante facilitador de atitudes inclusivas ao promover o contato e relacionamento social entre os estudantes (BLOCK; RIZZO, 1995; RODRIGUES, 2008; SOUZA; BOATO, 2010; TRIPP; RIZZO; WEBBERT, 2007). Assim, o princípio de inclusão na disciplina Educação Física, como as demais disciplinas, é o de que todos têm direitos ao acesso do processo de ensino-aprendizagem (COSMO; HOBOLD; BONADIMAN, 2009).

3. OBJETIVOS

3.1. Geral

O objetivo geral este estudo foi conhecer quais as mudanças ocorridas na escola de ensino especializado, APAE, para crianças e jovens com deficiência após a inserção da Educação Física Escolar.

3.2. Específicos

- Analisar a opinião da professora sobre as aulas de Educação Física.
- Analisar a opinião de estudantes sobre as aulas de Educação Física.
- Analisar as atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

4. JUSTIFICATIVA

O estudo de Cosmo, Hobold e Bonadiman (2009) diz que princípio de inclusão na disciplina Educação Física, assim como as demais disciplinas, é o de que todos têm direitos ao acesso do processo de ensino-aprendizagem. De fato, algumas instituições não inclui a Educação Física Escolar e isso pode gerar um problema para os estudantes, principalmente no aprimoramento da cultura corporal do movimento. Desta forma, este estudo é de suma importância, principalmente

pelo fato da escassez de achados científicos sobre a Educação Inclusiva nas aulas de Educação Física para pessoas com deficiência.

Também em busca de invalidar com esse discurso patologizante disseminado, de que pessoas com deficiência são incapazes de adquirir melhora na aprendizagem, seja ela motora ou cognitiva, é que foi desenvolvido esse estudo. Pois, a partir do entendimento de todas as possibilidades da pessoa com deficiência, as práticas onde ele será inserido devem buscar atingir o desenvolvimento destas características e não o reduzir a sua insuficiência.

Para isso a importância do professor de Educação Física se faz necessária, visto que esse pode oferecer estratégias de ensino que preze as capacidades e potencialidades dos estudantes com deficiência intelectual inseridos das instituições de ensino especializado. E assim conhecendo as singularidades de cada uma dessas pessoas, o profissional poderá elaborar estratégias de ensino adequadas a cada um deles, garantindo assim um ensino de qualidade, abrangendo não só a instituição como também a facilidade destas pessoas interagirem com a sociedade, mostrando que não justifica serem vítimas de hostilidade por ser tachados de diferentes.

5. METODOLOGIA

5.1. Tipo de Pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, com objetivos descritivos-exploratórios e abordagem qualitativa. Para Pradonov e Freitas (2013, p. 70):

[...] a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa.

5.2. Participantes

A APAE busca promover uma aprendizagem adequada para as crianças e jovens com deficiência intelectual e/ou múltiplas com comprometimento que acarretam atrasos no desenvolvimento global e na capacidade adaptativa, contemplando suas particularidades e assegurando que os estímulos ofertados sejam apropriados para o desenvolvimento de todos aqueles inseridos na instituição, dividindo os estudantes em turmas com cerca de 10 a 17 crianças e jovens junto com uma professora efetiva responsável por cada turma. Com a finalidade de aperfeiçoar os aspectos físico-motor, cognitivo, afetivo-emocional e social criou-se uma parceria com o projeto do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Paradesporto/UFLA, nas aulas de Educação Física. Os monitores do projeto tinham como objetivo de ministrar as aulas de Educação Física que anteriormente eram conduzidas pela pedagoga responsável pela turma, assim agregando mais conteúdo lúdico, cooperativo e cultural.

Esta pesquisa obteve como participante, os estudantes que estudam no período vespertino de uma das turmas da APAE de Lavras-MG, com idade entre 8 e 12 anos, e a professora desta turma. O critério de exclusão foi a não presença dos estudantes e/ou professora nos dias da coleta dos dados (entrevista).

Todas as informações necessárias referentes a pesquisa como o objetivo e procedimentos metodológicos ficaram à disposição da professora e dos pais e/ou responsável legal pelo estudante para que possam analisar e questionar. A professora (APÊNDICE A), participante da pesquisa, assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como todos os pais e/ou responsável legal dos estudantes participantes da pesquisa (APÊNDICE B), também assinaram o TCLE para garantir a participação dos estudantes.

Visto que nem todos os estudantes com algum tipo de deficiência intelectual ou múltiplas, possuem a necessidade de apoio substancial e comunicação comprometida, não justificando a dispensa do Termo de Assentimento.

Os dois termos foram obtidos no primeiro contato com a turma, tanto com a professora quanto com os estudantes, sendo o TCLE enviado para os pais por meio dos cadernos de recados de cada estudante.

5.3. Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

Foram usados os seguintes instrumentos para coleta de dados: 1) entrevistas semiestruturadas, com os estudantes com deficiência intelectual e/ou múltiplas (APÊNDICE D) e professora efetiva da turma (APÊNDICE E); e 2) análise dos relatórios das aulas de Educação Física, para constatação dos benefícios dessas para desses estudantes com deficiência.

Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semiestruturada está “centralizada na maneira de obter informações de questões principais onde esse tipo de entrevista pode surgir um tipo de resposta mais livre”.

As entrevistas foram aplicadas em apenas uma aula de Educação Física na primeira semana do mês de outubro de 2019, e ocorreram em um local reservado e privativo (uma sala na APAE), e sem interferências externas, para que os riscos, como constrangimento ou desconforto pelos participantes pudessem ser evitados e minimizados. Todos os participantes da pesquisa foram identificados por números.

Para os estudantes, as perguntas foram realizadas com possibilidade de resposta de múltipla escolha (sim ou não), sendo que o estudante poderia complementar ou explicar a escolha da resposta, caso achasse necessário.

Para a professora, as perguntas foram de caráter “aberto” para que contemplasse as informações mais aprofundadas e relevante para a pesquisa. A professora teve sua entrevista gravada por áudio e posterior análise de discurso.

Os estudantes e professora da APAE puderam ter acesso as suas informações obtidas nas entrevistas durante a coleta, assim como os pais e/ou responsável legal pelos estudantes. Em todas as fases da pesquisa foi garantido o sigilo, privacidade e acesso aos resultados.

Os relatórios das aulas de Educação Física de todo o ano de 2019 foram disponibilizados pela professora da turma estudada e a análise desses relatórios

teve por finalidade completar as informações obtidas pelas entrevistas com os estudantes e professora. As categorias de análise dos relatórios foram criadas à medida que as pesquisadoras considerassem algum acontecimento relevante descrito nos relatórios.

5.4. Análise dos Dados Coletados

Os dados coletados foram analisados qualitativamente e foram comparados com a literatura científica da área de Educação Inclusiva e Educação Física Escolar e no que diz a respeito ao ensino especializado para crianças e jovens com deficiência.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

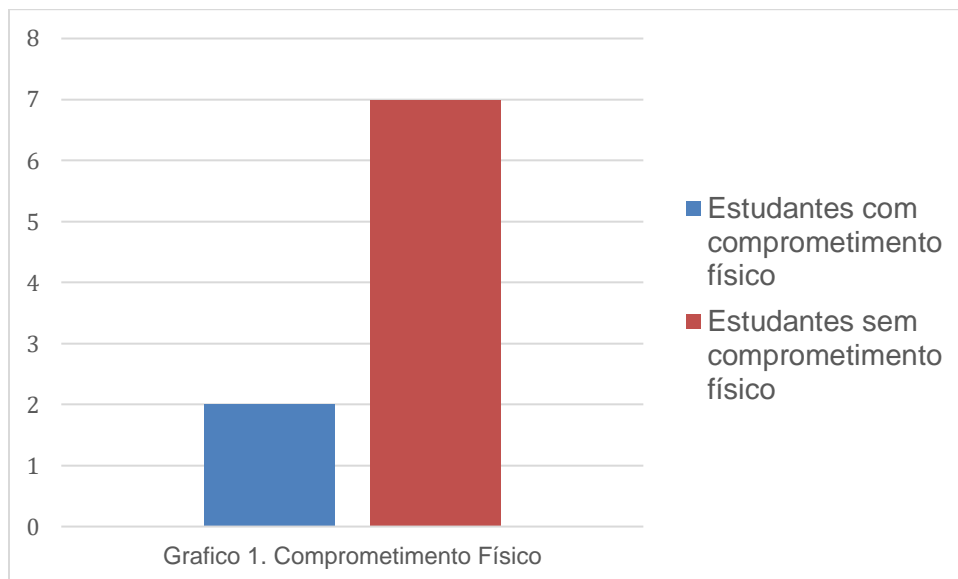
Primeiro antes de irmos em direção dos resultados e discutir sobre os dados coletados, é de extrema importância que seja dito quais foram os estudantes e professora, voluntários dessa pesquisa.

A presente pesquisa foi realizada com uma respectiva turma da APAE de Lavras – MG. A população da pesquisa contava com estudantes e sua respectiva professora. A turma possuía o total de 9 estudantes, sendo 5 meninos e 4 meninas, com idade entre 10 a 17 anos. Nenhum estudante obteve rejeição para que não participassem da pesquisa, estando todos caracterizados por números, assim preservando a identidade de cada um. Os estudantes voluntários possuíam as deficiências e/ou transtornos, conforme mostrado no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização dos estudantes da APAE.

ID	GÊNERO	DEFICIÊNCIA	IDADE
1	Masculino	- Transtorno de Personalidade	11
2	Masculino	TDAH - Transtorno de Personalidade	13
3	Feminino	Transtorno Neurocognitivo - Escurecimento Visual	14
4	Feminino	Deficiente Intelectual	16
5	Masculino	Má formação no pé - Transtorno Neurocognitivo	10
6	Masculino	Deficiente Intelectual	17
7	Feminino	TDAH - Desatenta	12
8	Masculino	Deficiente Intelectual	14
9	Feminino	Escoliose avançada - Deficiente intelectual - Cadeirante	16

Os estudantes 5 e 9 possuem comprometimento motor em relação aos outros estudantes (Gráfico 1), dificultando a marcha, sendo que a estudante 9 faz o uso de cadeira de rodas.



Os estudantes possuem uma única professora efetiva, na qual é formada em Pedagogia e Educação Especial. A professora fica responsável por acompanhar todos os estudantes nas aulas de Educação Física ministradas por voluntários, permitindo intervir quando for necessário. É importante frisar que os estudantes não possuem nenhum tipo de professor de apoio. As aulas de Educação Física são planejadas e efetivadas por monitores graduandos em Educação Física da Universidade Federal de Lavras (UFLA), os respectivos estudantes estão também inseridos no Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Paradesporto/UFLA que capacitam seus integrantes para a execução dessas aulas.

Posteriormente as caracterizações, prosseguimos para as observações relatadas nas entrevistas feita com os estudantes e a professora. As entrevistas feita com os estudantes eram compostas por 5 questões, sendo elas de múltipla escolha (sim ou não), sendo que se o estudante achasse necessário poderia completar sua resposta com relatos. A entrevista acarretou o objetivo de entender o quanto as crianças e jovens se comprometem com a Educação Física.

As questões direcionadas para os estudantes foram: “Você participa de todas as atividades nas aulas de Educação Física?”; “Você gosta de interagir com os seus colegas nas aulas de Educação Física?”; “Você gosta de interagir com os professores nas aulas de Educação Física?”; “Você gosta de participar das aulas de Educação Física?”; “Você acha que as aulas de Educação Física contribuíram para melhora da sua vida?”. Maior parte das respostas dos estudantes foram pelo “sim”, contendo apenas uma estudante que respondeu negativamente ao ser questionada se a mesma participava de todas as atividades proposta nas aulas de Educação Física. Ao final da entrevista, alguns alunos por sua vontade própria, sentiram a necessidade de discorrer um pouco sobre o que a disciplina representa para eles, como mostra no Quadro 2 abaixo.

Quadro 2. Relatos dos estudantes com deficiência sobre as aulas de Educação Física.

ID	GÊNERO	COMENTÁRIO
1	Masculino	"Eu gostei muito das aulas de Educação Física. Gostei de brincar com os professores."
2	Masculino	"Educação Física é muito boa. Vocês são educados, ajuda a gente e da atenção."
3	Feminino	Não se interessou em fazer nenhum comentário
4	Feminino	Não se interessou em fazer nenhum comentário
5	Masculino	Não soube responder a questão 5. Depois de uma breve explicação ele respondeu positivamente.
6	Masculino	"Vou sentir a falta de vocês quando forem embora"
7	Feminino	Não se interessou em fazer nenhum comentário
8	Masculino	Não se interessou as fazer nenhum comentário
9	Feminino	"A Educação Física é muito boa."

Com esses relatos pode-se perceber que os estudantes se identificam muito com a Educação Física tanto conceitualmente quanto afetivamente. A disciplina traz consigo uma vivência muito ampla em que diferem do que eles vivem em sala da aula, assim eles conseguem uma habilidade afetiva muito grande com os professores e seus colegas, agregando como ponto positivo a socialização. Com ela inserida no programa pedagógico escolar pode-se incorporar atividades práticas que proporcione melhor relação social, afetiva e motora (VITAL, 2012)

A entrevista com a professora efetiva foi de caráter "aberto", deste modo pode-se obter mais detalhes em relação a mudanças ou um relato com mais características para ser analisadas, levando em conta que a professora acompanhava todas as aulas de Educação Física dada pelos acadêmicos do NEPE

em Paradesporto. Para conseguir todos os detalhes da resposta da professora a entrevista foi gravada por meio de áudio e descrita junto as questões como mostrado abaixo.

1. Você acha que todos os estudantes são incluídos nas aulas de Educação Física?

“Sim. Todos são incluídos.”

2. Você tem algum conhecimento sobre a Educação Física Adaptada?

“Não. Como não é da minha área não sei. Igual a estudante cadeirante, fico sem saber o que trabalhar com ela. Ela fez cirurgia.”

3. Você consegue notar alguma melhoria na turma depois que a Educação Física foi inserida?

“Com certeza, melhorou muito. O respeito já melhorou muito, já estão um respeitando o outro. É bom para a gente até dentro de sala. Porque os meninos eram um empurrando o outro, um batendo no outro, não podia nem se olharem, então acho que foi muito bom.”

4. Você acha que os estudantes gostam das aulas de Educação Física?

“Muito. Ficam contando os dias. Ficam “doidinhos.””

5. Você acha que os estudantes gostam dos professores que ministram as aulas de Educação Física?

“Com certeza. Eles são apaixonados, quando falta um dos professores eles já ficam “doidinhos.””

6. Pra você, qual é a importância do Professor de Educação Física nessa instituição?

“Eu acho que é excelente para os meninos. Trabalham de forma para oferecer o melhor para eles. Vocês estudam e sabem a dificuldade de cada um para

adaptar as atividades, a gente não. Se caso eu for dar Educação Física para eles e vocês pararem de vim, como vou fazer? Vou brincar mesmo é de queimada ou pular corda, mas a Educação Física mesmo como vai ser? Por isso acho essencial, os professores aqui.”

Após ler os relatos respondido pela professora, já podemos perceber uma diferença gratificante em relação ao comportamento dos estudantes. A professora relata nas respostas que o comportamento dos estudantes foi o que mais se notou diferença. A Educação Física traz consigo o poder do coletivo e a cooperação, Souza (2014, p. 7) diz que a Educação Física “tem objetivos de promover atividades corporais, assim o aluno possa conhecer mais de seu corpo, estimular atitudes cooperativas, solidárias, sem discriminar o outro pelo seu desempenho seja físico, social, sexual ou cultural” assim ela consegue provar para os estudantes que os mesmos precisam um do outro para chegar no objetivo final, trazendo como resultado uma forma de aproximação social entre eles e de forma afetiva também, mostrando que a agressividade um com o outro não leva a nada.

Para mostrar o efeito da inserção da Educação Física, os relatórios de todas as aulas dadas, no ano de 2018, pelos acadêmicos voluntários de Educação Física, foram analisados. Os relatórios trazem consigo a evolução de cada aula e de cada estudante em si. Com esse material foi possível notar que a Educação Física se destacou no âmbito social e até interdisciplinar, pelo fato dos estudantes não progredirem somente nas aulas de Educação Física. O fato da grande mudança de comportamento agrega muito para os professores em sala de aula, então isso torna a disciplina necessária na instituição.

Em seguida será apresentado o Quadro 3, que representa a evolução por meio dos comentários descritos nos relatórios em todas as atividades propostas durante as aulas.

Quadro 3. Atividades desenvolvidas nas aulas de Educação Física.

Aula	Conteúdo	Objetivo	Procedimento	Relatos
1	Vôlei Sentado	Apresentação da modalidade.	Brincadeiras relacionadas aos fundamentos, como: deslocamento e toque.	Os estudantes 1, 2 e 3 sempre fazendo muita bagunça e atrapalhando o desempenho dos outros alunos.
2	Vôlei Sentado	Fundamentos e regras.	Atividades relacionadas aos fundamentos, manchete, saque e implementação de regras.	Nota-se que o estudante 6 fica envergonhado quando não consegue realizar a atividade. O estudante 1 foi retirado da aula por estar muito inquieto.
3	Basquete	Apresentação da modalidade.	Brincadeiras lúdicas que lembram os movimentos e objetivos.	Os estudantes demoraram um pouco a conseguirem a raciocinar e traçar uma estratégia, mas com repetições e incentivo eles conseguiram um ótimo desempenho ao final.
4	Basquete	Fundamentos.	De forma lúdica foi inserido os fundamentos: passe, drible e arremesso.	Nota-se que os estudantes tem muita dificuldade com a coordenação e também com o lado social em fazer atividades que dependem do outro colega para realizarem. Gerando ao final desistências dos alunos por não obterem sempre sucesso nas atividades.
5	Basquete	Jogo e suas regras.	Lance livre, criação de regras e minijogo cooperativo passando a bola para todos do time.	O estudante 1 estava novamente muito agitado e teve que ficar alguns momentos de fora da atividade por atitudes agressivas
6	Futebol	Apresentando da modalidade.	Introduzindo brincadeiras que busca lembrar movimentos do futebol.	Por ser uma modalidade mais típica e conhecida os estudantes gostaram da ideia assim que a atividade foi proposta.
7	Futebol	Fundamentos.	Introduzindo os fundamentos de forma lúdica e cooperativa.	Os estudantes apresentavam bastante interesse. Conseguiram interagir e fazer a atividade que necessitava da cooperação de todos.
8	Futebol	Jogo.	Iniciando a sistematização do jogo de forma lúdica.	Aqueles estudantes que apresentavam muitos momentos de fúria surpreenderam por seguir a atividade sem representar nenhuma atitude agressiva pois a atividade apresentava mais contato.
9	Futebol	Jogo tradicional.	Para finalizar a modalidade, foi proposto o jogo em si, sendo que as regras eram criadas ao longo de cada problematização que surgia durante a partida.	Os estudantes criaram um pouco de conflito ao criarem as regras, mas com a interferência do professor chegavam em uma proposta final e em conjunto, onde foi uma conquista, por muitas vezes nas primeiras atividades não acontecer acordo por causa de conflitos.

Percebe-se que os alunos 1, 2 e 3 são os que mais apresentavam quadro de agressividade e atrapalhavam os outros estudantes nas atividades. Depois da Educação Física incluída na instituição e com base nas entrevistas dos estudantes, percebe-se que os estudantes que se apresentavam um quadro mais agressivo e imperativos, passam a se integrar nas aulas com objetivo, interesse e mais foco e respeito a professora.

Os comportamentos agressivos das crianças devem ser identificados pelos professores e tratados de forma adequada, pois é observado comumente que castigos e ameaças verbais podem ser percebidos pelas crianças não como uma punição, mas como forma de se receber atenção dos pais e professores por seus comportamentos agressivos inadequados (CANDREVA et al., 2009).

Frisando que os relatos feitos nas entrevistas com os estudantes 1 e 2, foram um dos mais importantes para relatar o sucesso da pesquisa, onde eles contaram com suas palavras que a Educação Física é gratificante e que eles gostam dos professores, da atenção que os mesmos dão para eles e com a educação e respeito que são tratados. De Marco (2002, p. 40), afirma que a Educação Física “[...] se torna muito importante para o desenvolvimento de uma criança saudável, pois através das brincadeiras e dos jogos a criança externa simbolicamente vários sentimentos que ela não pode externar na realidade.”

7. CONCLUSÃO

Conclui-se com a respectiva pesquisa que Educação Física com todo seu aporte teórico/prático e suas dimensões conceitual, procedimental, atitudinal e a cultura corporal de movimento, contribui efetivamente para a autonomia, a imaginação e a cooperação entre crianças e jovens com deficiência, expandindo os conhecimentos e possibilitando uma sensação de bem-estar e conseqüentemente socialização. Este estudo teve sua hipótese confirmada, a qual propôs que a aplicação de conteúdo da Educação Física Escolar, de forma lúdica, estruturada e bem conduzida nas aulas, contribui efetivamente para a autonomia, a imaginação e a cooperação entre os estudantes com deficiência intelectual e/ou múltiplas.

Portanto, deve ser ressaltado que a Educação Física sempre deve ser considerada no currículo de escola de ensino especializado, agregando todos seus valores e ajudando os estudantes com deficiência, não só na motricidade, mas abrangendo também os aspectos socioafetivos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Constituição Federal de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm, Acesso em: 05/10/2019 às 16:43.
- BRASIL, Lei nº9.394/1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm, Acesso em: 05/10/2019 às 18:55.
- BRASIL. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. Brasília, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeduc ESPECIAL.pdf>, Acesso em: 21/10/2019 às 20:00.
- BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz Roberto. EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE DIRETRIZES PEDAGÓGICAS. *Mackenzie de Educação Física e Esporte*, Bauru - São Paulo, v. 1, n. 1, p.73-81, set. 2002.
- BETTI, Mauro. **O que a semiótica inspira ao ensino da Educação Física.** *Discorpo*, n. 3, p. 25-45, 1994.
- BLOCK, Martin; RIZZO, Terry. Attitudes and Attributes of Physical Educators Associated with Teaching Individuals with Severe and Profound Disabilities. *Journal of the Association for Persons with Severe Handicaps*, Seattle, v. 20, n. 1, p. 80-87. Sept.1995.
- CARVALHO, E. N. S de; CARVALHO, R. E.; COSTA, S. M. **Política de atenção integral e integrada para as pessoas com deficiência intelectual e múltiplas.** Brasília: Federação Nacional das Apaes, 2011.
- CAMARGO, Eder Pires de. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. *Ciência & Educação*. [s.l.], v. 23, n. 1, p.1-6, mar. 2017.
- CANDREVA, Thábata et al. **A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O JOGO COMO FORMA DE INTERVENÇÃO.** *Pensar A Prática*, [s.l.], v. 12, n. 1, p.1-11, 14 abr. 2009. Universidade Federal de Goiás. <http://dx.doi.org/10.5216/rpp.v12i1.4520>.
- COSMO, Rita Reni; HOBOLD, Edison; BONADIMAN, ZelinaBerlatto. **Incluir: É hora de aprender.** 2009. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Nre de Cascavel - Pr, Cascavel, 2009.

DE MARCO, M.C. **Agressividade na Educação Infantil (crianças de 0 a 6 anos): um estudo de revisão bibliográfica.** 2002. 44f. *Trabalho de conclusão de curso* (Graduação em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **A educação especial no brasil: da exclusão à inclusão escolar.** Universidade Estadual de Campinas, Campinas - Sp, v. 1, n. -, p.01-22, 25 mar. 2011.

MARTINS, Celina Luísa Raimundo. Educação Física Inclusiva: Atitudes dos Docentes. *Movimento*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p.637-657, jun. 2014.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2004, Bauru. Anais.... Bauru: USC, 2004. v. 1. p. 01-10. 1 CD

REIS, Keila Cristina Gaia dos; TAKESHITA, Thaissa Mayumi da Rocha. **A Educação Física Adaptada no processo de inclusão de crianças com TDAH (Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade):** Uma contribuição da formação do curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade do Estado do Pará. Monografia (Licenciatura Plena em Educação Física) - Universidade do Estado do Pará, Belém. 2011.

SILVA, Helena Aparecida. **Inclusão escolar: um desafio entre o ideal e o real.** 2010. 49 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Especial Inclusiva, Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, Lins – Sp, 2010.

SOUZA, Ruth Raissa Lourenço de. **Inclusão nas aulas de educação física escolar.** 2014. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2014.

VÉRAS, Vera Lúcia de Araújo. **APAE inclusão/Transformação:** Uma análise do desenvolvimento histórico e pedagógico do movimento apaeano de Caicó (RN). (Monografia de especialização). Caicó: UFRN, 2000.

VITAL, Rosemeire Gomes. **Inclusão Educacional:** Análise da Prática Pedagógica nas aulas de educação física. 2012. Trabalho de conclusão de curso UNB, Porto Velho, 2012.

APÊNDICE A



Entrevista – Estudante

Entrevistado:	
Data: / /	Identificador:

1. Você participa de todas as atividades nas aulas de Educação Física?
 Sim Não
2. Você gosta de interagir com os seus colegas nas aulas de Educação Física?
 Sim Não
3. Você gosta de interagir com o professor nas aulas de Educação Física?
 Sim Não
4. Você gosta de participar das aulas de Educação Física?
 Sim Não
5. Você acha que as aulas de Educação Física contribuíram para melhora da sua vida?
 Sim Não

Algum complemento nas respostas do estudante:

--

Entrevistado:	
Data: / /	Identificador:

1. Você acha que todos os estudantes são incluídos nas aulas de Educação Física?
2. Você tem algum conhecimento sobre a Educação Física Adaptada?
3. Você consegue notar alguma melhoria na turma depois que a Educação Física foi inserida?
4. Você acha que os estudantes gostam das aulas de Educação Física?
5. Você acha que os estudantes gostam dos professores que ministram as aulas de Educação Física?
6. Pra você, qual é a importância do professor de Educação Física nessa instituição?